

GEOCONSERVAÇÃO E PALEONTOLOGIA NO PARANÁ

Antonio Liccardo¹; Gilson Burigo Guimarães¹; Gil Francisco Piekarz²

¹ UEPG; ² MINEROPAR

RESUMO: Geossítios de conteúdo paleontológico no Paraná têm sido alvo de discussões no sentido de sua conservação sem que, no entanto, resultem dificuldades para o acesso e/ou a retirada de material por parte de pesquisadores em estudos bem conduzidos. Três exemplos, em diferentes regiões do Paraná, refletem múltiplas realidades e desafios complexos que envolvem a proposta de geoconservação em sítios paleontológicos.

1 – Em Curitiba, com a descoberta de fósseis de vertebrados cenozoicos em 2009 dentro da área urbana, a questão da preservação deste sítio pela prefeitura, em sintonia com outras atividades urbanas e possibilitando aos paleontólogos atividades de extração, foi um caso de sucesso. Atualmente o local, situado junto a um complexo de tratamento de resíduos, recebe até mesmo vigilância da própria prefeitura, responsável pela segurança da área. Neste caso, a infraestrutura urbana, a sinergia entre as instituições (Prefeitura/Mineropar/UEPG) e a sorte, pois o achado fóssilífero aconteceu poucas semanas antes do início das obras civis, foram fatores determinantes para o êxito.

2 – Na localidade de São Luiz do Purunã, já no Segundo Planalto Paranaense, a presença de icnofósseis em arenitos devonianos, ao lado da BR-277, sofreu ameaça de integridade em função de obras no entorno da rodovia, tais como o desbaste da vegetação. Novamente uma sinergia entre instituições (UEPG, Mineropar e a concessionária da rodovia), a facilidade de infraestrutura e a sorte, pois uma visita técnica casual aconteceu no momento em que ocorriam as obras de manutenção, permitiram ações imediatas de geoconservação que envolveram a delimitação e proteção do sítio e a implantação de painel geoturístico.

3 – Uma descoberta recentíssima de fósseis cretáceos de pterossauros em Cruzeiro do Oeste, no Terceiro Planalto Paranaense, trouxe à tona novos desafios para a geoconservação. Diferentemente dos outros locais, o geossítio de Cruzeiro do Oeste apresenta altíssima fragilidade, nenhuma infraestrutura até o momento, potencial interesse para o mercado negro de fósseis e enorme valor científico-didático. A estratégia definida para este caso envolveu: A - a solicitação ao Conselho Estadual do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural (CEPHA) para um rápido processo de tombamento; B - Para a pesquisa paleontológica com extração de material foi realizada uma parceria entre UEPG, UFPR e CENPÁLEO – UnC de Mafra, para que as escavações sejam sistemáticas e não se perca o significado tafonômico e estratigráfico; C – negociações com a Secretaria de Cultura e o município para a existência de um centro cultural local, que apresente o conteúdo geológico-paleontológico à população e eventuais visitantes. O objetivo é germinar um processo consciente de geoturismo e trazer uma contrapartida à comunidade de Cruzeiro do Oeste, além de construir paulatinamente uma consciência da preservação. Certamente este é um processo longo, mas necessário para a correta aplicação dos preceitos de geoconservação, que necessita da ciência tanto quanto esta pode se beneficiar da geoconservação. É necessário retirar os fósseis, mas eles devem resultar em ganho científico e benefício para a comunidade, por isso um projeto de manejo desde o início dos trabalhos pode ser mais eficiente, diminuindo a dependência da sorte.

PALAVRAS-CHAVE: GEOCONSERVAÇÃO, PATRIMÔNIO GEOLÓGICO, PALEONTOLOGIA